

O trabalho “*Hip-Hop na escola*” foi realizado durante o primeiro semestre do ano de 2009 na EMEF Tenente Alípio Andrada Serpa com as três turmas de 4ª séries. A escola fica localizada no bairro Jardim Bataglia, na região do Butantã. A escola funciona nos períodos da manhã e tarde com 12 salas em cada período. No período da manhã atende apenas ao fundamental I e no período da tarde ao fundamental II. O objetivo do trabalho foi ampliar a leitura dessa manifestação corporal, tentando superar estereótipos e preconceitos que acompanham essas práticas.

A manifestação corporal foi escolhida a partir das discussões do Projeto Pedagógico da escola, que focou uma concepção de aluno como leitor e escritor do mundo e do desdobramento do Projeto Especial de Ação (PEA) que tinha como objetivo a aproximação entre a escola e a comunidade.

Após essas decisões coletivas e tomando como base as observações realizadas no ano anterior, nas quais percebi que alunos e a comunidade tinham as danças como um momento de lazer e diversão, escolhi as danças como manifestações corporais a serem estudadas nas aulas de Educação Física.

Logo no início dos estudos, a manifestação era as danças: diferentes ritmos, o entendimento do que era dançar, para que dançar, onde dançar etc. Com o decorrer do trabalho percebi que para atingirmos os objetivos propostos inicialmente deveríamos focar os estudos em um ritmo específico, e decidimos pelo ritmo inicialmente chamado pelos alunos de *black* ou de *hip-hop*, mas que durante os nossos estudos percebemos que se tratava do *break*. O trabalho tomou esse rumo, pois percebi que para que os alunos entendessem mais sobre as danças e para que pudessem fazer leituras do mundo, como o proposto no nosso projeto pedagógico era necessário ampliar e aprofundar os conhecimentos de determinadas práticas corporais, para tanto, através das observações e anotações que fiz no início do trabalho percebi que o ritmo que mais dialogava com o grupo de alunos e com as propostas da escola era o *break*, até então chamado de *black* ou *hip-hop*.

Para iniciarmos essa discussão foi apresentado um texto que explicava o que era a *black music*<sup>1</sup> e o que era o movimento *hip-hop*<sup>2</sup>. Ficou entendido que o *hip-hop* não era apenas a dança, mas um movimento cultural que engloba outras formas de manifestações artísticas, como o grafite, o RAP, o Mc, o DJ, o *Streetball* e o próprio *break*. Decidimos então que estudaríamos o movimento *Hip-Hop*, e não apenas a dança *break*.

Após essa definição, com o objetivo de aproximar a manifestação dos alunos, utilizamos a leitura de alguns vídeos para iniciarmos o estudo. Utilizamos trechos dos filmes: O

---

<sup>1</sup> Conforme o sítio [www.wikipedia.com.br](http://www.wikipedia.com.br) acessado em 04/03/2009

<sup>2</sup> Conforme sítio [www.culturahiphop.com.br](http://www.culturahiphop.com.br) acessado em 04/03/2009

poder do ritmo<sup>3</sup> e Entre nessa dança Hip – Hop no pedaço<sup>4</sup>. Os trechos apresentavam como eram as disputas de danças entre aqueles grupos, e outras formas de manifestação artística dentro da cultura hip-hop como a presença do MC (mestre de cerimônia) nessas disputas, as roupas utilizadas, e os adereços.

A leitura e a interpretação dos gestos presentes nos vídeos nos ajudaram a alimentar as nossas práticas, pois os alunos com pouca experiência nessa dança usaram muitos movimentos vistos nos filmes para a construção da sua forma de desafiar os colegas.

Paralelamente a realização do trabalho, eu buscava informações sobre a cultura hip-hop, pois até então eu pouco conhecia sobre essa manifestação. Pesquisei textos, filmes, músicas enfim tudo o que pudesse me ajudar nas práticas pedagógicas. Trocando ideias com uma colega de profissão, a professora Cindy Cardoso de Siqueira, da EMEF Anézio Cabral, localizada na cidade de Osasco, fiquei sabendo que ela também estava trabalhando com aquela manifestação corporal na sua escola com os grupos de 3º e 4º séries. Decidimos realizar trocas entre nós professoras para que pudéssemos ampliar o nosso conhecimento a respeito daquele movimento cultural. Trocamos vídeos, textos, músicas e esses materiais foram enriquecendo e melhorando o nosso entendimento sobre o que era o movimento hip-hop.

Na escola as práticas de dança continuavam, e muitos alunos relatavam que estavam assistindo clipes para conhecerem mais passos e movimentos. Foi nesse momento que pensei em filmar as nossas danças para que os alunos pudessem observar a gestualidade, o que estavam tentando dizer com aqueles movimentos, o que não estava de acordo com as suas representações, o que poderíamos mudar, enfim, precisávamos ler as nossas práticas, assim como havíamos lido os filmes trazidos pelos alunos no início do trabalho.

Realizamos a filmagem dos nossos desafios, e a partir da leitura do nosso vídeo algumas questões foram levantadas: *“as meninas não estão dançando”*; *“os movimentos estão muito simples”*; *“precisamos provocar mais, desafiar mais”*.

Com esse material em mãos, e com os estudos que continuei fazendo com a professora Cindy, que também havia filmado os seus alunos, resolvemos fazer uma troca desses vídeos. Isto é, os meus alunos assistiram ao vídeo gravado na EMEF Anézio Cabral, e os alunos dela assistiram os vídeos gravados na EMEF Tenente Alípio Andrada Serpa.

Essa atividade contribuiu muito para a leitura da prática do hip-hop por parte dos alunos. As observações feitas por eles ampliaram o olhar para essa manifestação. Algumas observações: *“eles realizam os desafios em duplas, nós realizamos em grupos”* (como havíamos visto nos filmes), *“eles usam outro estilo musical, o psy”*, que segundo os meus alunos não servia para realizar desafios de break, *“eles fazem muitos movimentos da ginástica”*, *“as meninas dançam muito mais do que as meninas da nossa escola”*. Após assistirmos esses vídeos, retomamos nossas

---

<sup>3</sup> O poder do ritmo. EUA: Sony Pictures, 2007

<sup>4</sup> Entre nessa dança: Hip-Hop no pedaço. EUA: Sony Pictures, 2004

práticas, mas com o formato visto no vídeo dos alunos de Osasco e algumas duplas optaram pelo *psy* como música para realizar o seu desafio.

Depois desse novo formato de desafios, agora em duplas, assistimos a um vídeo com o campeonato mundial de *b-boys*, no qual as batalhas são realizadas em duplas. Nesse vídeo a presença do brasileiro Pelezinho empolgou bastante os alunos, que passaram a perguntar quem era ele, o que ele fazia, como fazia para estar naquele campeonato. Logo depois, realizamos - a leitura de um texto sobre o *b-boy* Pelezinho<sup>5</sup>, no qual ele relatava as dificuldades que passou e os preconceitos que sofre por ser um *b-boy*.

As nossas práticas continuavam, e algumas dificuldades começaram a surgir, os meninos afirmavam que as meninas não sabiam dançar e que o *break* não era dança para mulheres. A partir daí, as meninas começaram a ser recusar a dançar, porque os meninos ficavam rindo. Ao refletir sobre os comentários dos alunos percebi que todos os filmes e textos que haviam sido apresentados aos alunos só mostravam os homens, o que reforçava a representação dos alunos. Para questionar essa representação, selecionei vídeos da internet, nos quais mulheres dançavam o *break*, inclusive em desafios contra homens, acrescentei também vídeos de crianças (meninas) que apresentavam movimentos mais simples, o que facilitou a prática por parte das meninas, e fez com que a ideia do *break* como uma prática apenas masculina fosse desconstruída.

Ainda com o intuito de reforçar que o *break* é uma prática corporal que pode ser realizada por meninos e meninas, realizamos a leitura do texto: B-Girl: o break feminino<sup>6</sup>, que relata as experiências das meninas nesse estilo de dança.

Essas atividades que realizamos para que os alunos fizessem as leituras das danças realizadas por vários grupos sociais: homens, mulheres, crianças, campeonato mundial, vídeos caseiros, enfim todas essas formas de se dançar o *break*, possibilitaram aos alunos uma ressignificação daquela dança, isto é, eles passaram a produzir as próprias formas de dançar o *break* de acordo com o entendimento que tiveram sobre aquela prática. Nessa dança produzida pelos alunos, valia movimentos de outros ritmos, mímicas, movimentos da capoeira e das ginásticas, sempre com a intenção de um diálogo entre os seus praticantes.

Com as práticas da dança fervilhando, recordamos que hip-hop era composto por outras formas de manifestação artística, e um dos personagens dos desafios estava ficando de fora das nossas práticas, o MC (mestre de cerimônia) que é a pessoa que media os desafios de dança. Para mostrar melhor o que era e o que fazia um MC, assistimos um trecho do programa “Manos e Minas” da TV cultura – o programa era assistido por muitos alunos -, e nele acontecia uma batalha MCs. Os alunos fizeram algumas observações como: “O Mc precisa fazer rimas e agitar a galera durante os desafios”. Após o entendimento da função do MC no hip-hop, incorporamos um MC nas nossas práticas de dança. Porém essa prática não foi muito fácil porque fazer as rimas de improviso

<sup>5</sup> PRETO, M. O mano invertebrado. Revista Época on line, Janeiro de 2009.

<sup>6</sup> LUZIA, I.G. Do sítio [www.viracao.com.br](http://www.viracao.com.br) acessado em 07/04/2009.

era muito difícil para todos, dessa forma, o MC, nas nossas aulas, tornou-se um apresentador dos *b-boys* e das *b-girls*.

Nas aulas seguintes nos dedicamos também a uma análise do que era a música RAP (ritmo e poesia ou revolução através das palavras). Muitos alunos afirmaram que o RAP não é um estilo de música para dançar, era apenas para ouvir e manifestar-se. Construímos então um RAP da própria turma tentando falar sobre o hip-hop na nossa escola. Nessa análise sobre as letras das músicas RAP nacionais, os alunos perguntavam o que era periferia, onde ficavam determinados bairros, porque algumas letras só contavam coisas ruins. Ao final da discussão percebi que muitos conhecimentos foram ampliados e aprofundados naquele momento de discussão, um exemplo está na fala de uma garota que perguntou: “*Fazer essas músicas e dançar desse jeito muda a realidade das periferias?*” Um aluno prontamente respondeu que não iria mudar, mas que servia para mostrar para os outros a realidade daqueles lugares. A partir dessa fala, entendi que alguns alunos desconstruíram a ideia de que os dançarinos do *break* e os cantores de rap eram “maloqueiros”, como uma boa parcela da população os classifica conforme havíamos lido em dois textos.

Continuando a tematização do hip-hop, entramos no estudo do grafite. Realizamos uma discussão sobre o que o grafite quer dizer, o que quer transmitir, qual a diferença entre o grafite e a pichação. “O grafite deixa as ruas mais bonitas!”; “Eles querem passar uma mensagem de paz!”; “É uma forma de mostrar a sua revolta com o governo!”. Nesse momento as discussões que ocorreram foram abastecidas com ilustrações das duas formas de expressão para que os alunos refletissem sobre elas. Após essas discussões, criamos os nossos grafites, a partir da ideia que formamos sobre o que o grafite quer transmitir: a realidade das ruas.

Por último, partimos para o *Streetball*. Iniciamos comparando as semelhanças e as diferenças entre o basquete de quadra e o *streetball*. Para isso, apresentei dois vídeos mostrando um jogo do basquete de quadra e um jogo do *streetball*, nos quais observamos as regras, o número de participantes, uniformes, espaços e gestos realizados. Registramos as diferenças e fomos para a quadra realizar o jogo.

Iniciamos a nossa vivência com o basquete de quadra utilizando as regras vistas no filme. O jogo praticamente não aconteceu, pois a todo o momento era parado por alguma infração nas regras. Em seguida, praticamos o *streetball* com as *próprias regras da modalidade* e outra vez o jogo não teve um bom andamento. Os alunos diziam: “*No streetball precisamos fazer manobras com a bola e nós não estamos conseguindo.*”; “*O jogo está igual ao basquete de quadra, pois ninguém consegue fazer manobras com a bola.*”

Na aula seguinte levei um vídeo retirado da internet com várias manobras, em alguns filmes as pessoas ensinavam fazer a manobra e em outros só demonstravam. Esse vídeo ajudou bastante na construção das manobras com a bola de basquete, e durante algumas aulas essas tentativas eram realizadas antes dos jogos. Mesmo após algumas vivências, esse jogo não acontecia

muito bem por conta das dificuldades apresentadas com relação às regras. Nesse momento fizemos algumas modificações nas regras que permitiram que o nosso *streetball* acontecesse. Esse novo formato possibilitou que os jogos ficassem mais interessantes para os alunos e mais próximo do que eles entendiam como o *streetball*.

Criamos um novo vídeo, desta vez com as manobras do *streetball* que cada aluno conseguiu fazer ou criar, no formato de apresentação, como os vídeos vistos na nossa aula.

Esse estudo sobre a manifestação cultural hip-hop contribuiu para a desestabilização de algumas representações que os alunos possuíam sobre esta manifestação. O que era entendido inicialmente apenas como uma forma de se dançar, ao final do trabalho já era compreendido como um movimento cultural e de resistência composto por diversos elementos artísticos. Também notei que desconstruímos a ideia de que a dança break é uma prática estritamente masculina, assim como também as representações de que os participantes do movimento hip-hop eram “maloqueiros” ou bandidos foram questionadas.

Para finalizarmos o trabalho, assistimos o episódio Hip -Sampa – Hop do seriado “Cidade dos Homens” – no qual em uma viagem para São Paulo os personagens Acerola e Laranjinha conhecem o movimento hip-hop, e vão descrevendo todos os elementos ali presentes. Esse filme teria sido interessante para iniciar o trabalho, porém tomamos contato com o material somente no final dos estudos, o qual foi trazido por uma aluna da escola da professora Cindy, mas mesmo assim contribuiu muito para a nossa avaliação final.

Com relação aos objetivos propostos pelo projeto pedagógico da escola e pelo PEA, conseguimos ampliar a leitura dos alunos a respeito de uma prática presente na sua comunidade, visto que eles passaram a entender um pouco mais sobre o hip-hop, o que demonstra que ele é um aluno leitor e escritor de mundo, interpretando e modificando as práticas sociais que ele participa. Já com relação a aproximação entre a escola e a comunidade, em todos os eventos que ocorreram na escola durante aquele ano, grupos de hip-hop dos bairros vizinhos estiveram presentes para realizar os desafios e para prestigiar as apresentações dos outros grupos. E no nosso último evento do ano, a Mostra Cultural, montamos um espaço da cultura hip-hop, onde além das exposições dos materiais (grafites, raps e vídeos) produzidos durante o trabalho, disponibilizamos materiais para que, quem quisesse vivenciar aquelas formas de expressão pudesse experimentar. Disponibilizamos material para confecção do grafite, bolas de basquete para experimentar manobras do *streetball* e alguns alunos ensinavam os movimentos para aqueles que desejassem se arriscar nos primeiros passos do *break*.

No dia da Mostra Cultural, outros grupos de hip-hop do bairro estiveram presentes na escola, participaram do espaço hip-hop que havia sido montado, e durante todo o tempo do evento eles circularam pelos espaços da escola. Alguns dos participantes do movimento vieram perguntar se não poderiam usar o espaço da escola para a prática do hip-hop aos finais de semana,

ou no período da noite, enfim, estavam reivindicando um espaço para levar o hip-hop para dentro da escola. A partir dessas ações percebi que a comunidade aproximou-se da escola, pois, querer estar dentro da escola com as suas práticas, mostra-nos que eles se sentem parte daquele espaço, assim como a escola se aproximou da comunidade, pois passamos a entender um pouco mais o que significa aquela prática que nos rodeia diariamente.